

## **METODOLOGIAS APLICADAS NAS EXPERIÊNCIAS DE AVALIAÇÃO CURRICULAR: SÍNTESE PROVISÓRIA**

*Meirecele Caliope Leitinho*

*Patrícia Helena Carvalho Holanda*

*Francisco Emilio Campelo Freitas*

*Aline Maria Loureiro Muniz Moita*

Nos últimos tempos vem ocorrendo no meio acadêmico uma ênfase na discussão sobre a necessidade de adoção de um maior rigor metodológico na condução das pesquisas. Apesar de todo esforço feito pelos pesquisadores ainda é comum observar-se nas Ciências da Educação críticas sobre metodologia empregada nas investigações, que, por via de consequência, vai afetar a qualidade da produção dos seus trabalhos científicos. No que diz respeito, a área de Avaliação Curricular a dificuldade encontrada pelos seus pesquisadores e avaliadores reside em construir uma autonomia metodológica em relação à área da avaliação educacional, no sentido de manter vínculos de integração e não de dependência.

Nesse contexto, foi que decidimos pela elaboração deste livro que pretende contribuir para responder a seguinte questão: Quais os percursos avaliativos são mais adequados à área de avaliação curricular? Destarte, este livro tem por objetivo discutir as metodologias e técnicas de pesquisa adotadas nas pesquisas de avaliação curricular.

Nos capítulos dos livros vamos observar a presença da pesquisa bibliográfica, uma vez que ela deve estar presente em qualquer estudo científico, seja para sua necessária fundamentação teórica, ou mesmo para justificar seus limites e para os próprios resultados. Isso deve-se ao fato, de que é por meio dessa pesquisa que o pesquisador faz contato direto com tudo o que foi publicado, dito, filmado ou de alguma outra forma registrado sobre determinado tema, inclusive através de conferências seguidas de debates.

Por outro lado, vale destacar que a pesquisa bibliográfica guarda semelhanças com a pesquisa documental, no entanto é possível fazer sua diferenciação observando os seguintes aspectos entre os dois tipos de pesquisa:

- Na pesquisa documental sua fonte de dados é sempre primária, algumas delas compiladas no momento do fato, outras algum tempo depois, e que não foram tratadas com o foco específico para o tema em estudo;
- Na pesquisa bibliográfica sua fonte é secundária, compreende as obras já editadas abordando o tema em estudo.

No que diz respeito aos objetivos na pesquisa bibliográfica, via de regra, estão voltados para propiciar uma visão mais macro do problema a ser investigado ou focá-lo de forma mais específica, enquanto os objetivos da pesquisa documental são específicos, na maioria das investigações tem a finalidade de obter os dados em resposta a determinado problema.

Os dados obtidos de livros, revistas científicas, teses, relatórios científicos, cuja autoria é conhecida, não se confundem com documentos, isto é, dados primários, que propiciam o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, possibilitando conclusões inovadoras, por meio da análise de seu conteúdo.

Na pesquisa documental vamos perceber que o documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. Como ressalta Tremblay (1968, p. 284), graças ao documento, pode-se operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas etc., bem como o de sua gênese até os nossos dias.

No plano metodológico, a análise documental apresenta também algumas vantagens significativas. Como o enfatizou Kelly (*apud* GAUTHIER, 1984: 296-297), trata-se

de um método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência — a ser exercida pela presença ou intervenção do pesquisador — do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados.

Definir o documento representa em si um desafio. Pelo fato de o documento constituir uma de suas principais ferramentas, a história, de todas as ciências sociais, foi a que atribuiu maior importância a essa definição. De fato, tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou “fonte”, como é mais comum dizer, atualmente.

Dito isso, salientemos que a divisão que realizamos, aqui, está longe de ser restritiva, pois existe uma abundância de tipos de documentos escritos e inúmeras maneiras de agrupá-los em ordens e subordens. Grosso modo, podem-se repartir os documentos em dois grandes grupos: os arquivos públicos — trata-se de uma documentação geralmente volumosa, organizada segundo planos de classificação, complexos e variáveis no tempo. Os arquivos privados — ainda que não pertença ao domínio público, ocorre que uma documentação de natureza privada seja arquivada.

O exame do contexto social global, no qual foi produzido o documento e no qual mergulhava seu autor e aqueles a quem ele foi destinado, é primordial, em todas as etapas de uma análise documental. Seja como for, o analista não poderia prescindir de conhecer satisfatoriamente a conjuntura política, econômica, social, cultural, que propiciou a produção de um documento determinado. Tal conhecimento possibilita aprender os esquemas conceituais de seu ou de seus autores, compreender sua reação, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais se faz alusão etc.

Não se pode pensar em interpretar um texto, sem ter previamente uma boa ideia da identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever. Elucidar a identidade do autor pos-

sibilita, portanto, avaliar melhor a credibilidade de um texto, a interpretação que é dada de alguns fatos, a tomada de posição que transparece de uma descrição, as deformações que puderam sobreviver na reconstituição de um acontecimento.

Uma leitura mais crítica dos documentos possibilita construir uma imagem bem diferente da análise baseada apenas nas percepções e convicções transmitidas pelas pessoas desejosas de valorizar os progressos realizados. Sistematizando a referida leitura, e completando-a com outras fontes documentais de apoio, o pesquisador pode, portanto, chegar a uma imagem da relação dos sujeitos com o meio, diferente daquela à qual nos havíamos habituado no passado.

Por outro lado, é importante estar sempre atento à relação existente entre o autor ou autores e o que eles descrevem. Eles foram testemunhas diretas ou indiretas do que eles relatam. Conseqüentemente, deve-se levar em consideração a natureza de um texto, ou seu suporte, antes de tirar conclusões. O pesquisador poderá, assim, fornecer uma interpretação coerente, tendo em conta a temática ou o questionamento inicial.

Definitivamente, como bem o argumenta Foucault, o pesquisador desconstrói, tritura seu material à vontade; depois, procede a uma reconstrução, com vista a responder ao seu questionamento. Para chegar a isso, ele deve se empenhar em descobrir as ligações entre os fatos acumulados, entre os elementos de informação que parecem, imediatamente, estranhos uns aos outros, como assinala Deslauriers (1991, p. 79).

A fim de estabelecer essas ligações e de constituir configurações significativas, é importante extrair os elementos pertinentes do texto, compará-los com outros elementos contidos no *corpus* documental. É porém, em razão da importância da busca da diversidade em termos das fontes, que se adverte o pesquisador para realizar pesquisas em um estado de espírito orientado pela indução. Contudo, tal quadro deve continuar flexível, pois, diante

de novas fontes documentais, bases de arquivos inesperadas, pode-se ser levado a elaborar novas teorias, novas hipóteses, ou a aperfeiçoar alguns conceitos iniciais.

Nas experiências apresentadas no decorrer deste livro encontram-se os aspectos concernentes ao uso da entrevista como instrumento de coleta de dados em pesquisas no campo de Educação, observando as questões psicológicas suscitadas por ocasião da interação entre pesquisador e entrevistado.

De acordo com Banister *et al* (1994), a entrevista costuma ser empregada nas pesquisas qualitativas como possibilidade para o estudo de significados subjetivos, aspectos complexos para serem investigados por instrumentos fechados e padronizado. Abrimos esse caminho à medida que damos voz ao sujeito entrevistado, compartilhando com este o “poder”. Todavia, Minayo (1996) aponta que a entrevista encontra-se em uma arena de conflitos e contradições, citando principalmente os critérios de representatividade da fala e a questão da interação social (pesquisador – pesquisado). Destarte, emerge a necessidade de uma perspectiva que não aprisione o entrevistado ao olhar do entrevistador, possibilitando aproximação, acesso e compreensão dos conteúdos verbais e não verbais disponibilizados na entrevista; nesse sentido, propomos o viés da reflexividade como um caminho a ser considerado.

A ideia da reflexividade diz respeito à reflexão do conteúdo da entrevista, expressando a compreensão dada pelo entrevistador e, posteriormente, submeter tal compreensão ao próprio entrevistado.

Acrescentamos à discussão alguns esclarecimentos sobre o desenvolvimento da entrevista reflexiva, são eles: a entrevista deve ser realizada em no mínimo dois encontros, individuais ou coletivos, o primeiro para execução propriamente dita e o segundo para apresentar ao sujeito colaborador os significados apreendidos de sua fala pelo pesquisador, em uma perspectiva dialógica; não parte de um roteiro fechado ou estruturado, mas de uma pergun-

ta desencadeadora que atua como ponto de partida para expressão do sujeito, considerando que esta questão foi elaborada com base nos objetivos da pesquisa; e os objetivos da entrevista devem estar claros, oferecendo subsídios para contemplar as informações que buscamos na pesquisa.

Ao realizar o contato inicial, o entrevistador deve se apresentar ao entrevistado, fornecendo-lhe os dados mais relevantes sobre a sua própria pessoa, a sua instituição de origem e o seu tema da pesquisa. Em seguida, solicitará ao entrevistado a permissão para a gravação da entrevista, assegurando o anonimato no que tange o acesso às gravações e análises. É imprescindível que nesse momento o pesquisador fomente a informalidade e empatia necessárias à relação intersubjetiva.

Chamamos atenção à necessidade do entrevistador dispor de um tempo adequado para o entrevistado, visando sua livre expressão. Fraser (2004) enseja essa ideia ao afirmar que a entrevista na pesquisa qualitativa implica em “dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala.” (p.147).

Ainda no que tange ao aspecto reflexivo da entrevista, realizamos o registro contínuo, por considerar que a compreensão do fenômeno vai se modificando no decorrer do processo e vai sendo aprofundada paulatinamente; em seguida, partimos para execução da transcrição da entrevista, etapa que representa a primeira versão escrita da fala do entrevistado. A partir disso, construímos o texto de referência, ou seja, a versão da entrevista que passa por uma assepsia e um ajuste, segundo a ortografia e a sintaxe, respeitando a fala do entrevistado; considerando que quando o pesquisador transcreve, ele também analisa e revive a entrevista, podendo incluir percepções, impressões e sentimentos, este texto é utilizado pelo entrevistador como referência

A etapa seguinte à construção do texto de referência diz respeito à apreensão e construção das categorias, fase que concretiza a imersão do pesquisador nos dados, bem

como sua compreensão e agrupamento. Posteriormente fazemos a síntese, que significa apresentar de tempos em tempos para o entrevistado o quadro que está se delineando e tem a finalidade de trazer a entrevista ao foco. Faremos, por fim, a devolução aos colaboradores, neste momento pode ser apresentada a transcrição da entrevista e a pré-análise para consideração do entrevistado.

Diante do exposto, pode-se perceber que as metodologias abordadas neste capítulo estão associadas às previstas nos projetos de pesquisa dos professores investigadores do eixo de avaliação curricular, permitindo um estudo aprofundado da variedade metodológica presente nas investigações. Por outro lado, não podemos deixar de destacar o esforço dos integrantes do eixo de avaliação curricular de realizar um processo de investigação como uma construção coletiva, em que pesquisadores e alunos de mestrado e de doutorado do eixo de avaliação curricular, foram responsáveis por essa construção.

## Referências

- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel, H.; *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoque epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.
- SZYMANSKI, Heloisa *et al.* **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 2. ed. Brasília: Líber livro, 2004.